

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano VI — Número 72

Dezembro de 1968

À Encarnação do Verbo Eterno

Desce do céu imenso Deus benino
Para encarnar na Virgem soberana.
Porque desce o divino a coisa humana?
Para subir o humano a ser divino.

Pois como vem tão pobre e tão menino,
Rendendo-Se ao poder de mão tirana?
Porque vem receber morte inumana
Para pagar de Adão o desatino.

É possível que os dois o fruto comem,
Que de quem lhes deu tanto foi vedado?
Sim: porque o próprio ser de deuses tomem.

E por esta razão foi humanado?
Sim; porque foi com causa decretado,
Se quis o homem ser Deus, que Deus fosse homem.

Luís de Camões

Nossos Costumes do Natal

por Donald W. McKay

Na quarta-feira, 25 de Dezembro, será celebrado o Natal, o mais cosmopolita de todos os dias festivos. Multidões de adoradores virão à igreja, e os coros cantarão motetes e música sacra para comemorar o nascimento de Jesus Cristo.

Na véspera do Natal as crianças põem sapatos nas chaminés; os pais adornarão as árvores que armaram em casa; uns aos outros oferecerão presentes.

Se uma pessoa de outro planeta pudesse ser transportada a esta terra, perguntaria admirada, e com razão, por que estão associados estes estranhos costumes com o nascimento do Redentor da humanidade. Nem sempre assim foi. Os cristãos do primeiro século eram pessoas humildes e piedosas; e não se ouvia falar de dias festivos, como o Natal e a Páscoa, com as características que hoje têm.

Sem dúvida, o 25 de Dezembro não é o dia do nascimento de Cristo. A Bíblia não regista a data exacta. A única menção encontra-se em Lucas 2:8: «Havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo, e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho.» A Palestina, país do nascimento de Cristo, é quente. A sua estação das chuvas vai desde o princípio de Novembro até Março, e o resto do ano é seco. Os pastores, para protegerem os seus rebanhos, permaneciam com eles noite e dia durante o tempo seco. Foi durante esse período que se deu o nascimento de Cristo. Por isso, o dia 25 de Dezembro dificilmente pôde ser o dia do nascimento de nosso Senhor, porque então era o auge da estação pluviosa.

A Antiguidade do Natal

Muitos perguntam por que é que, então, se observa o Natal. Séculos antes do nascimento de Cristo, os pagãos ce-

lebravam o dia 25 de Dezembro como o dia do nascimento do Sol. Era um dia de folguedo e de festa por os dias se tornarem mais longos depois de o Sol ter passado o solstício do Inverno. Os antigos faziam fogueiras dedicadas aos seus deuses por lhes terem restituído o Sol. As tribos germânicas festejavam durante doze noites em honra da vitória do deus-Sol e do vento sul sobre o Inverno.

Quando Constantino Magno desposou a causa do Cristianismo, foi infundido um novo espírito na Igreja. Constantino tentou conciliar seus súbditos pagãos e cristãos com o respeito que parecia ter por uns e outros, de maneira que o seu império pudesse ser unificado e fortalecido. Ele tinha uma devoção particular por Apolo, deus do Sol; e entre os seus muitos edictos impôs a observância do primeiro dia da semana, o dia pagão do Sol, em vez do sétimo dia, o Sábado bíblico.

Constantino gostava muito de ostentação, e incorporou muitas das suas ideias pagãs na observância do Natal. Muitos dirigentes eclesiásticos concordaram com ele que para ganhar convertidos do paganismo seria melhor condescender com os seus costumes anteriores. Com efeito, quando o papa Gregório mandou Agostinho para converter a Inglaterra Saxónica, disse-lhe «para acomodar, tanto quanto possível, as cerimónias cristãs às pagãs, para que o povo não ficasse chocado». Naturalmente, pouca oposição se despertava quando o Natal era celebrado com pompa e cerimónia.

No quinto século, a Igreja Ocidental ordenou que o Natal fosse para sempre celebrado no dia da velha festa romana dedicada ao Sol.

Na jovialidade que vemos ao nosso redor na estação do Natal sobrevivem os folguedos dos gregos, as Saturnais, e outros restos do paganismo. O uso de velas do Natal vem dos romanos, que ofereciam presentes de velas de cera.

Muitas lendas rodeiam a origem da árvore do Natal. As tribos germânicas, muito antes da sua conversão ao Cristianismo, adoravam árvores. Uma lenda diz que S. Bonifácio, depois de ter convertido as tribos germânicas, transferiu as suas afeições para o verde abeto em substituição do carvalho.

Muitos países contribuíram para os modernos costumes associados com o Natal. Da Bélgica vem a ideia de depenurar meias na véspera do Natal. O costume popular de enviar cartões teve o seu começo na Inglaterra.

Os primeiros colonos da Nova Inglaterra recusaram-se a observar o dia 25 de Dezembro como o nascimento de Cristo, devido à sua origem pagã. Com efeito, os seus antepassados tinham protestado tão veementemente contra tais celebrações e festividades semelhantes, que foram expulsos da Inglaterra por decisão do Parlamento. Durante mais de vinte anos após a chegada dos Puritanos ao Massachussetts, o Natal não era observado e era até proibido por lei.

Que atitude tomar?

Que atitude deve então o cristão tomar para com o Natal? Devemos, os que cremos no Senhor Jesus Cristo, assumir uma atitude de crítico cinismo numa altura em que o mundo em geral celebra o Seu nascimento, pelo facto de sabermos que muitos dos costumes relacionados com esta celebração são de origem pagã?

Claramente não é este o nosso dever. Os cristãos bíblicos não podem certamente unir-se aos aspectos censuráveis do Natal tal como é popularmente celebrado; mas não necessitam de descarregar a sua ira sobre tudo quanto lhe diz respeito. Pelo contrário, participemos na sua ênfase sobre a bondade, especialmente para com os pobres e infelizes. Tomemos a atitude de que, embora 25 de Dezembro não seja historicamente o dia do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo, podemos considerar as mais profundas implicações da celebração — não só a primeira, mas também a segunda vinda de nosso Senhor. Antes

de deixar esta terra, Jesus disse: «Virei outra vez». João 14:3.

Cristo apareceu várias vezes após a Sua ressurreição. Numa dessas visitas disse aos Seus estupefactos discípulos: «Vede as Minhas mãos e os Meus pés, que sou Eu mesmo. Apalpai-Me e vede». Lucas 24:39.

Como Jesus veio literalmente no Seu primeiro advento, virá literalmente a segunda vez. A Bíblia dá evidência para apoiar esta conclusão lógica. Em breve Ele aparecerá para reunir os que, de todas as raças, tenham rendido os seus corações e vidas a Deus.

Antes de deixar esta terra, Jesus calma, mas efectivamente, falou acerca da Sua separação dos Seus discípulos. «Vou preparar-vos lugar», disse Ele. «E se Eu for e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também». João 14:2, 3.

Depois da ascensão de Jesus, dois mensageiros celestes reiteraram este tema: «Esse Jesus que dentre vós foi recebido em cima nos céus, há-de vir assim como para o Céu O vistes ir». Act. 1:11.

«Todo o olho O verá», escreveu o idoso apóstolo João na ilha de Patmos onde se encontrava prisioneiro. (Apocalipse 1:7).

Assim como Jesus quebrou as algemas do sepulcro de José, Ele abrirá as sepulturas. Nessa altura remirá aqueles que, de todas as nações, tribos e povos, Lhe tenham rendido seus corações.

O triunfo da ressurreição e a certeza da volta de Jesus levaram Paulo a proclamar: «O mesmo Senhor descera do Céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor». I Tessalonicenses 4: 16, 17.

Nesta estação do Natal reafirmemos a nossa crença na promessa de um Salvador prestes a voltar. E convidemos os nossos entes queridos, os nossos amigos, e os nossos vizinhos a partilhar esta fé, esta bênção e esta alegria connosco.

A IV Assembleia Geral do Conselho Mundial das Igrejas

por Ernesto Ferreira

De 4 a 20 de Julho do ano corrente, esteve reunida em Upsala, na Suécia, a 4.^a Assembleia Geral do Conselho Mundial das Igrejas com a presença de mais de 2.500 participantes, embora nem todos com direito a voto, de praticamente todos os países da terra.

Os participantes com voto pertenciam 45% à Europa, 26% à América do Norte, 15% à Ásia, 12% à África e 4% à América Latina.

Talvez venha a propósito lembrar que a primeira Assembleia teve lugar em 1948, em Amsterdão, sob o tema «A Desordem do Homem e o Desígnio de Deus». A segunda reuniu-se em 1954, em Evanston, nos Estados Unidos, com o tema «Cristo, Esperança do Mundo». «Jesus Cristo, a Luz do Mundo» foi o tema da terceira Assembleia, reunida em Nova Deli, na Índia, em 1961. O tema desta quarta Assembleia (baseado no texto de Apocalipse 21:5, «Eis que faço nova todas as coisas») foi «Novas Todas as Coisas.»

Desde 1948, o Conselho Mundial das Igrejas evoluiu notavelmente, não só no número de membros, mas sobretudo nos temas e métodos de trabalho preconizados.

As resoluções e recomendações foram repartidas por seis secções, cujos tópicos principais passamos a mencionar.

Secção I: O Espírito Santo e a Catolicidade da Igreja. O documento assinala as «nossas pecaminosas divisões», para substituir as quais urge procurar uma sólida unidade. «A unidade... tem uma dimensão mais profunda e interna, que é expressa pelo termo 'catolicidade'... Catolicidade é o oposto de todas as espécies de egoísmo e de particularis-

mo... A Igreja é católica, e deve ser católica em todos os seus elementos e em todos os aspectos da sua vida, e especialmente no seu culto... Catolicidade é um dom do Espírito, mas é também uma tarefa, uma vocação e um compromisso.»

São então indicadas algumas maneiras como os cristãos por vezes recusam este dom de Deus: quando permitem que «alianças culturais, étnicas e políticas impeçam a união orgânica de igrejas que confessam a mesma fé dentro da mesma região»; quando permitem que o nacionalismo impeça ou destrua o desejo de comunhão com o cristãos de outros países; quando consentem que a condição de membros de igreja seja baseada na raça, situação económica, classe social ou educação; ou quando exigem que outros adoptem as suas próprias práticas religiosas como condição para cooperação e unidade.

Segundo o texto oficial, a catolicidade da Igreja deve ser demonstrada e promovida, não tanto por um cuidadoso exame das respectivas crenças à Luz do Velho e do Novo Testamento, como por uma acção conjunta em favor da reconstrução da ordem social no Mundo.

Este ponto de vista está bem de acordo com o slogan ecuménico: «A teologia divide, o serviço une».

Secção II: Renovação da Missão. O texto primeiramente apresentado à Assembleia suscitou grande discussão pelo facto de que, salientando a necessidade de novos métodos para enfrentar um Mundo em rápida transformação, não chamava suficientemente a atenção para a tarefa básica cristã da pregação do Evangelho. Um dos oradores que se opuseram foi muito aplaudido quando pediu que fosse incluída no

texto uma declaração acerca dos dois bilhões de pessoas que nunca ouviram o Evangelho. O texto definitivo incluiu então a frase: «A Igreja em missão é para todas as pessoas de todo o Mundo. Ela tem uma inalterável responsabilidade de dar a conhecer o Evangelho do perdão de Deus em Cristo às centenas de milhões que não o ouviram».

Não houve quem deixasse de notar que a revisão deste texto o tornou incompatível com os textos das outras secções. Com efeito, a afirmação de que a tarefa cristã básica é a proclamação do Evangelho a todos os homens dificilmente se harmoniza com o programa em geral e com os discursos proferidos por alguns oradores com funções de destaque dentro do Conselho Mundial das Igrejas.

Secção III: Desenvolvimento Económico e Social do Mundo. Conforme o resumo apresentado pela revista *Christianity Today*, os pontos principais desta e das restante secções foram os seguintes:

1. Defendeu a oposição ao *status quo*.
2. Apoiou a ideia de justiça social.
3. Apoiou o relatório da Conferência Mundial sobre Igreja e Sociedade (Geneve, 1966).
4. Convidou as nações ricas a darem pelo menos 1% do seu rendimento nacional bruto às nações subdesenvolvidas.
5. Aprovou a ideia de que mudanças revolucionárias podem tomar formas violentas.
6. Advogou o levantamento do bloqueio económico de Cuba.
7. Recomendou um sistema internacional de lançamento de impostos.
8. Condenou o racismo.
9. Apoiou o planeamento familiar e o controle de nascimentos.
10. Advogou o serviço voluntário na obra de desenvolvimento como uma alternativa para o serviço militar obrigatório.
11. Urgiu que «na reestruturação do Conselho Mundial das Igrejas se dê uma consideração de prioridade a uma maneira conjunta de promover o desenvolvimento económico e social.
12. Convidou as nações a reduzirem as despesas em armamento e a dedica-

rem as suas economias ao desenvolvimento.

13. Pediu às igrejas que «tornem acessível ao auxílio para desenvolvimento uma proporção das suas receitas regulares que implique sacrifício» e que explorem como «dotações e outros fundos eclesiásticos possam ser responsávelmente investidos em desenvolvimento».

Secção IV: Para a Justiça e Paz nos Negócios Internacionais

1. Disse que a guerra como método de resolver disputas é incompatível com os ensinamentos e o exemplo de nosso Senhor Jesus Cristo (Amsterdão, 1948).

2. Opôs-se à guerra e às armas nucleares bem como ao estabelecimento de sistemas mísseis antibalísticos.

3. Advogou os direitos humanos.

4. Condenou o racismo e convidou as igrejas a «retirarem investimentos de instituições que perpetuem o racismo».

5. Pediu auxílio para os refugiados e pessoas deslocadas.

6. Disse que «tanto as igrejas como os governos dos países desenvolvidos devem procurar acabar com o seu domínio económico sobre as sociedades de baixas receitas».

7. Clamou que é «imperativo» que as igrejas «se interessem com partidos políticos, sindicatos de trabalhadores e outros grupos de influência sobre a opinião».

8. Apoiou uma contribuição (taxa) internacional de desenvolvimento.

9. Convidou os cristãos (sem usar o termo «igreja» ou «igrejas») a «urgir os seus governos a acatarem sem reservas as decisões do Tribunal Internacional de Justiça».

10. Urgiu o apoio das Nações Unidas à República Popular da China e a sua inclusão entre os seus membros.

Secção V: O Culto de Deus numa Idade Secular

1. Disse que «visto que a Palavra de Deus é a base do nosso culto, é essencial a proclamação da Palavra... O sermão tradicional deve ser suplementado por novos meios de proclamação (diálogo, drama e artes visuais)».

2. Urgiu as igrejas «a considerarem seriamente a desiderabilidade de adoptar

rem a tradição cristã primitiva de celebrar a Eucaristia cada domingo».

3. Urgiu a Comissão de Fé e Ordem a empreender um estudo dos «símbolos usados na culto e na cultura contemporânea».

Secção VI: Para um Novo Estilo de Vida

1. Afirmou que «os jovens têm direito a participar nas discussões em escolas e universidades bem como na vida política, dos negócios e familiar», e propôs que «todas as assembleias eucuménicas dêem o exemplo de reconhecer direito de voto a uma razoável proporção de participantes juvenis».

2. Assinalou que os delegados presentes em Upsala «são classe média».

3. Convidou para «transferir para o bem-estar e a cultura uma taxa internacional de desenvolvimento e uma moratória sobre os programas de construção de igrejas».

4. Disse que o Conselho Mundial das Igrejas «deve continuar a censurar os membros de igreja que toleram o racismo, e tornar claro que as igrejas racistas não podem ser reconhecidas como membros em boa posição dentro do Conselho».

5. Advogou a pureza sexual e pediu que os materiais «que tratam dos problemas da poligamia, casamento e celibato, controlo de nascimentos, divórcio, aborto e homossexualidade se tornem acessíveis a um responsável estudo e acção».

*

Ao passarmos em revista o que ocorreu nesta Assembleia do Conselho Mundial das Igrejas, não podemos deixar de salientar os seguintes factos que têm particular interesse para quem estude a evolução da História à luz da Sagrada Escritura.

1. Primeiro facto: Uma Aproximação Gradual entre o Conselho Mundial das Igrejas e o Vaticano.

Quando convidada há vinte anos, a Igreja de Roma declinou participar na Assembleia de Amsterdão. Nessa altura, Roma considerava todos os cristãos não-católicos como cismáticos e hereges. A mesma atitude foi mantida por ocasião da Assembleia de Evanston, em 1954. Mas para a Sessão de Nova Deli,

em 1961, a Igreja de Roma já enviou cinco observadores a convite da Comissão Central do Conselho Mundial das Igrejas.

Desde João XXIII, porém, os cristãos não-católicos — «os irmãos separados» — passaram a não ser olhados com tanta desconfiança. E é assim que na Assembleia de Upsala estiveram presentes quinze representantes do Catolicismo, não já como simples observadores, mas como «observadores delegados», com o direito de falar, embora sem o direito de votar.

O próprio Papa Paulo VI enviou uma mensagem de saudação, exprimindo o seu vivo interesse pelos trabalhos da Assembleia.

Também o Cardeal Bea, presidente do Secretariado romano para a União dos Cristãos, enviou uma mensagem, na qual se regozijava «pelas relações que se desenvolveram em anos recentes entre o Conselho Mundial das Igrejas e a Igreja Católica Romana».

Mas a intervenção católica mais notável foi a exposição feita perante a Assembleia pelo P. Roberto Tucci, S. J., director da revista romana *La Civiltà Cattolica*. Este orador falou francamente acerca da possibilidade de a Igreja Católica pedir um dia a sua admissão como membro do Conselho Mundial. «Em minha opinião», disse ele, «a questão não pode ser evadida, e devíamos ter a coragem, aqui e agora, de estudar mais profundamente as razões a favor e contra, e examiná-las tão lucidamente quanto possível».

Respondendo à objecção de que a teologia católica se oporia a tal passo, disse o Dr. Tucci: «Na opinião dos peritos (tanto católicos como não católicos) as dificuldades que podiam ser levantadas pela eclesiologia romana não constituem um obstáculo insuperável».

Em presença destas declarações, uma pergunta nos cabe fazer: No caso de um dia a Igreja de Roma entrar como membro no Conselho Mundial das Igrejas, tendo ela mais membros dos que todas as outras igrejas juntas, não irá ter uma preponderância absoluta naquela Organização? Sendo assim, não irão as Igrejas Protestantes ser absorvidas

Continua na pág. 16

Através dos Campos da Seara

Congressos do Campo Missionário do Bongo

Eis algumas experiências contadas por altura das reuniões de reavivamento espiritual na área do Caue, do Campo Missionário do Bongo.

Disse o Costa Chambassuco: «Eu continuaria sendo um jovem sem Deus se não fosse a minha irmã Helena que, depois de frequentar o Instituto, nos trouxe a mensagem durante o tempo de férias. Hoje regozijo-me no Senhor Jesus, pois conheço que Ele é o meu Salvador.»

Testemunho de Madalena Samande:

«Tenho um passado muito triste. Bebia muito vinho. Gastava nele todo o dinheiro que tivesse. Finalmente, fiquei com muitas dívidas nas lojas. Na igreja a que pertencia não encontrava descanso para a minha alma, e a fim de aliviar a consciência culpada tornava a beber mais.

Certo dia encontrei um catequista adventista e perguntei-lhe qual era o remédio para abandonar o vício da bebida. O mestre disse-me que o melhor era aceitar a Cristo e ser baptizada. Procurei seguir as suas palavras. Fui baptizada na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Hoje sou feliz. Já não tenho dívidas causadas pelo vinho. Sinto-me aliviada. Espero ser fiel até ao fim da minha vida.»

Palavras de um aluno do Instituto: «Meus pais não são adventistas. Quando fui para a escola central de Catapi era muito novo. Meus colegas fugiram e voltaram para a aldeia. Eu sempre procurei continuar. Com a graça de Deus acabei as classes da Central e fui enviado para o Instituto do Bongo. Muitos dos meus colegas diziam-me para desistir e ir para a Gabela ganhar dinheiro, mas sempre lhes resisti. Meus pais, por não serem crentes adventistas, continuaram a opor-se-me e acham que eu devia abandonar os estudos. Compreendo que por mim mesmo não posso vencer, mas espero que a Igreja não me esquecerá nas suas orações.

Já estou no 2º ano do Curso de Evangelistas-Professores. Tenho desejo de entrar na Obra do Senhor Jesus».

Baptismo de três quicocos no Dongo-Ganguelas

Bartolomeu Brasa, Mateus Catagoji e sua Esposa, antes de conhecerem a verdade, viviam no paganismo, servindo aos ídolos, entregando-se às danças de máscaras e ao alcoolismo.

Certo dia, ouviram alguém a cantar: «Do teu pecado te queres livrar?— Seu sangue tem poder.»

Catagoji, não querendo saber de nada, pôs-se a tocar batuque, para não pensar naquele assunto religioso.

Mas, como ouvia tantas vezes o cantar do grupo missionário, a pouco e pouco o coração foi-se tocando e decidiu entregar-se a Jesus.

Seu primo Brasa, ao ver o Catagoji convertido, encolerizou-se muito e procurou até fazer-lhe mal.

Certo dia, um catequista adventista passou pela sua aldeia, e como trazia uma gravura fez um fervoroso estudo bíblico, e a semente lançada começou a germinar no coração dos três primos que finalmente disseram entre si: «Que faremos?»

Então todos deixaram os seus antigos costumes e baptizaram-se este ano como resultado da obra missionária.

José Fernando

Andrade aceita o Evangelho

Andrade tinha um ano quando faleceu seu pai, sendo depois criado por um seu tio paterno. Quando já tinha idade suficiente pensou em arranjar a vida.

Mudou-se para os lados do Posto do Chipindo, e como lá não conseguiu nada, passou finalmente para a área de Chicomba onde encontrou o seu concunhado Bernardo.

Como não tinha nenhum documento, viveu algum tempo na mata. Depois foi acolhido pelos membros adventistas de Cucala.

Estes deram-lhe um lugar. Passado algum tempo, Andrade e sua Esposa começaram a ter interesse pelos princípios da nossa igreja.

O nosso catequista convidou-os a inscrever-se nas Classes Preparatórias para o baptismo. Eles alegremente deram os nomes.

Assim, foram baptizados este ano de 1968 e são actualmente bons membros da igreja. Nasceu-lhes um filho, e para manifestarem a sua alegria e gratidão a Deus, deram ao filho o nome do professor da aldeia, ou seja Pedro Estevão.

Sentem agora que vivem sob a sombra e asas do Deus dos Adventistas.

Moisés Chandala

Campanha de Evangelização em Cangongo

De 4 a 15 de Junho realizou-se na aldeia de Cangongo a campanha de Evangelização em que tomaram parte os alunos do Curso de Evangelistas do Bongo.

Antes de começarmos o trabalho, o Pastor Pedro Balança disse-nos as seguintes palavras: «Jovens, Jesus Cristo esteve nesta terra fazendo o Seu trabalho de Evangelização, mas não o acabou. Conforme lemos em Mateus 28:19 20, deixou-nos o encargo de continuar-

mos.» E, assim, nesta Campanha procurámos fazer o trabalho do Senhor Jesus.

Numa das suas pregações, o Pastor Balança falou sobre o tema: «Buscai no livro do Senhor e lede». Isa. 34:16.

Durante aquelas duas semanas, através das pregações do Pastor Balança, muitas pessoas vinham buscar no livro do Senhor e liam.

Os hinos que cantávamos atraíam muitas pessoas, desejosas de os aprenderem. E ficaram a cantar esses hinos.

Jovens Adventistas, estamos prontos para ajudar Jesus Cristo no trabalho do Evangelho? Estamos a aprender novos cânticos? Estamos a buscar no livro do Senhor para lermos?

Há uma voz mansa e delicada convidando-nos a preparar-nos para o ministério do Evangelho. Qual é a nossa resposta, caros amigos?

Eis aqui uma resposta certa e alegre da verdadeira vocação: «Eis-me aqui, envia-me a mim». Isa. 6.8.

Jovens adventistas, que Deus vos faça homens e mulheres aptos para levar a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a voltar.

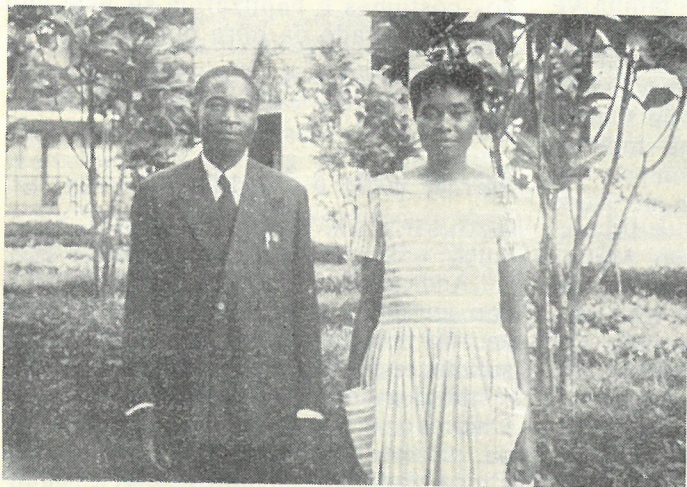
Jesé Uaca

Buscai Primeiro o Reino dos Céus

Chegara o dia de seu baptismo e Frimosa da Graça continuava a ser ameaçada pelo marido que a abandonaria, caso se baptizasse. Católico convicto, não queria ver a mulher tornar-se Adventista, e ele ser de outra fé: «Que mania era aquela, e que pensaria a restante família e a gente amiga?»

O marido ganhava bem e ela tinha três filhos e casa própria confortável. O marido era bom e amigo. Mas ela tinha de escolher. Decidiu-se pelo baptismo, custasse o que fosse.

Serena e tranquila regressou a casa na tarde de sábado, com o certificado de baptismo na mão. O marido manteve a ameaça: Frimosa



Frimosa da Graça com o seu marido no dia do baptismo

O Sábado-Selo de Deus

por Domingos Paulo

Diz-nos a Irmã E. G. White que lhe foi apresentado repetidamente o capítulo vinte quatro de S. Mateus como devendo ser exposto à atenção de todos.

«Vivemos actualmente no tempo em que as predições deste capítulo se estão cumprindo. Expliquem nossos ministros e mestres essas profecias àqueles que estão instruindo. Deixem fora de seus discursos assuntos de menor importância e apresentem as verdades que hão-de decidir o destino das almas.

«O tempo em que vivemos pede vigilância contínua, e os ministros de Deus devem apresentar a luz sobre a questão do Sábado. Devem advertir os habitan-

da Graça, nossa irmã, foi expulsa de casa e teve de ir para junto dos pais.

A esposa de um obreiro foi então ter com o marido ofendido e zangado. Foi assim que ele compreendeu que mais valia uma mulher adventista e temente a Deus, disposta a sofrer pelo seu Salvador e pela sua Lei, do que nem sequer conhecesse bem ou acatasse todos os Dez Mandamentos.

O homem foi e trouxe a mulher para casa, interessou-se vivamente pela Fé dela e, seis meses depois, era ele, o irmão Redenção Trom, quem feliz regressava ao lar na companhia de sua esposa e dos filhos, após o seu próprio baptismo. Deste modo cumpriu-se a promessa do Senhor Jesus: «Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas». Foi assim concedido à nossa fiel irmã um lar ainda mais unido e feliz que nunca.

Agostinho Pires (S. Tomé)

tes do mundo quanto a estar Cristo para vir em breve com poder e grande glória. A derradeira mensagem de advertência ao mundo tem de levar os homens a ver a importância que o Senhor dá à Sua Lei. ...

«Em todos os seculos, o Sábado tem sido a prova de lealdade para com Deus. 'Entre Mim e os filhos de Israel será um sinal para sempre', declara o Senhor. Exodo 31:17». — *Obreiros Evangélicos*, pág. 144.

«De todos os professos cristãos, devemos adventistas do sétimo dia ser os primeiros a levantar a Cristo perante o mundo. A proclamação da terceira mensagem angélica pede a apresentação da verdade do Sábado». — *Ibidem*, pág. 152.

Deve haver uma grande reforma quanto ao assunto apresentado.

Diz a Biblia que a nossa justiça é como trapos de imundície. Isa. 64:6

Tem-se notado que, por toda a parte, os cristãos violam o Sábado com tanta facilidade como se bebessem um copo de água. Trabalham ao Sábado para ganharem mais dinheiro. Viajam de comboio, carro, motorizada, bicicleta e até a pé. Não serão muitas dessas viagens uma violação do Sábado?

«Sucedeu, pois, que dando as portas de Jerusalém já sombra antes do Sábado, ordenando-o eu as portas se fecharam e mandei que não as abrissem até passado o Sábado. «Neemias 13:19. Hoje a mesma lei tem o mesmo valor que outrora.

Prezado leitor, enquanto a civilização do século vinte está tomando lugar neste mundo de miséria, não esqueçamos que Deus está pondo o selo do Seu santo dia nas testas dos Seus servos. Apoc. 7:3.

Histórias Africanas



Algum dia eu a Encontrarei

Há muito tempo atrás um pequeno africano estava brincando com uma tartaruga na praia de Yoruba. Subitamente deixou de atormentar a desajeitada criatura para observar uma estranha ocorrência. Um grande navio havia ancorado um pouco além, e um pequeno barco estava sendo baixado às águas. Quando o barco alcançou a praia um homem desceu.

O pequeno correu animadamente ao seu encontro. Desejava dar as boas vindas ao estranho e descobrir por que estavam ali. Qual não foi a sua aflição e surpresa então quando o homem se apossou dele e o carregou para o navio!

O navio a cuja imundície ele foi tão cruelmente atirado era um navio de escravos.

Após muito tempo, este pequeno escravo foi resgatado e pôsto em liberdade, porém não em Yoruba. Achava-se na Serra Leoa, na costa ocidental da África, e foi-lhe dito por viajantes que haviam vindo de onde morava, que sua mãe, desesperada por não encontrar o seu pequeno perdido, havia deixado Yoruba, e ninguém sabia para onde partira.

Assim, enquanto o menino caminhava pelas ruas de Freetown, Serra Leoa, não muito grande e perdidamente só, procuraria examinar uma face escura e maternal após outra. Porém sempre os seus olhos chorariam desesperadamente. Nenhum pertencia a sua mãe.

«Algum dia», disse ele para si mesmo, «encontrarei minha mãe. E quando a encontrar ela se orgulhará de mim».

Porém o que poderia fazer um pequeno desamparado para conseguir esta

ambição? Bem, primeiramente ele precisava aprender a ler. Conseguiu ganhar o suficiente para adquirir um cartão contendo o alfabeto. Nesta ocasião uma família o tomou e lhe deu o nome de Samuel Crowther.

Além de trabalhar para sua «manutenção», Samuel era tão inteligente que em seis meses aprendeu a ler. Em cinco anos estava apto a entrar para o colégio, onde logo depois, se tornou monitor e um devoto cristão. Foi ordenado ministro em 1864 e ocupou um lugar importante como dirigente da igreja em África.

Porém cada passo ascendente nunca se achava completo. «Se pudesse somente partilhar isto com minha mãe!» Era o seu ansioso pensamento. «Se somente pudesse falar-lhe de Jesus!» E então endireitaria os ombros e diria com tranquila convicção:

— Algum dia o farei.

A utilidade de Samuel Crowther aumentou. Era dotado de um dom natural de fazer amigos e viver em harmonia com as pessoas. Além de ser ministro, Crowther era explorador e descobridor. Honras se lhe foram acumulando. Foi-lhe dado um relógio de pulso de ouro pela Sociedade Geográfica Britânica Real por descobrimentos valiosos feitos em suas viagens. Ajudou a traduzir parte da Bíblia e parte de um livro de oração para sua própria língua, a dos Yorubas.

Passaram-se os anos. Crowther já não era mais jovem. Seus cabelos começavam a ficar grisalhos, seus olhos estavam se tornando fracos, e ele ainda não encontrara traços da mãe de quem

havia sido tão cruelmente tomado pelos traficantes de escravos.

Algumas vezes uma pequena dúvida se lhe insinuaria. Ela devia ser uma senhora idosa agora. E se houvesse falecido! Porém alguma coisa lá dentro de seu íntimo repetia: «Algum dia eu a encontrarei».

Mesmo para uma pessoa como ele, este serviço do Mestre não era uma obra fácil. Ele devia atender chamados perigosos, em florestas infestadas de febres; era enviado em meio da noite para visitar o doente e o moribundo e dar-lhes o conforto de aceitarem a Jesus como Salvador.

Certa manhã, quando voltava cansado e exausto de um destes chamados, uma estranha pôs sua tímida mão em seu braço.

— Sim, disse Crowther gentilmente.

— Eu ... Eu, também, desejo ser baptizada, gaguejou a anciã.

Ao contemplar aquela encarquilhada e envelhecida figura, alguma coisa se agitou dentro do cansado coração de Crowther. Em crescente esperança e comoção, ele fez as habituais perguntas antes do baptismo. Perguntou à sua mãe de onde viera, e se (prendeu a respiração) ela tivera um filho que havia sido carregado pelos traficantes de escravos.

As respostas confirmaram sua esperança. Ela era sua própria mãe! Após todos estes longos anos de solidão, a sua fé fora recompensada!

E assim, como sonhara fazer, Crowther baptizou sua mãe. Um tal gozo e agradecimento jamais fora conhecido por toda a vasta extensão do rio Niger, como quando este homem de Deus colocou sua mão sobre a cabeça da frágil anciã e a baptizou com o nome bíblico de «Ana, mãe de Samuel». — Kathlem Blake, em World Friends.

Eu e a minha boneca...

A noite passada eu tinha a mamã, o papã, uma casa com uma cama fofinha, e a minha... mas veio uma guerra terrível... e esta manhã só fiquei eu e a minha boneca.

Não se importa de dar uma generosa oferta de Natal neste 13.º Sábado, 21 de Dezembro, cujo excesso vem favorecer a Divisão do Médio Oriente para ajudar a fazer um orfanato para mim e para a minha boneca?

Muito obrigada!



Notícias do Campo

Acampamento dos M. V.

Estava determinado que o acampamento deste ano tivesse lugar na Missão da Namba, mas por dificuldades surgidas à última hora teve que ser transferido para o Bongo.

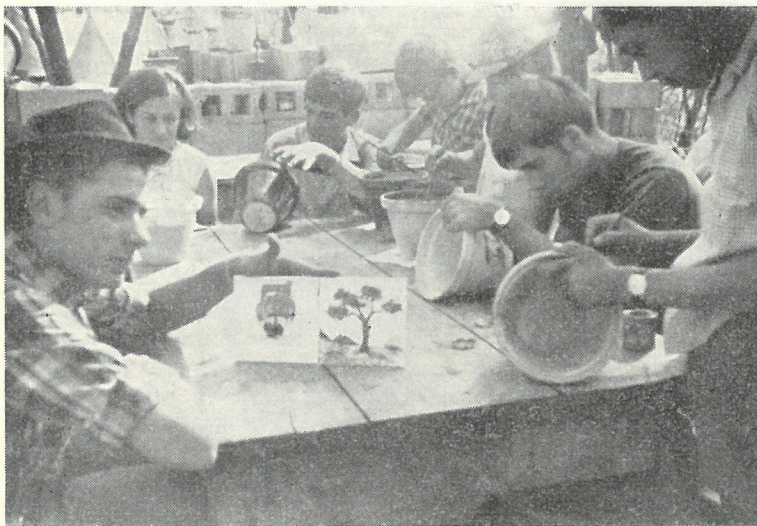
Realizou-se, pois, o Acampamento junto da piscina que o Dr. David Parsons possui na Montanha do Bongo.

Estiveram presentes cerca de 30 jovens de Luanda, Lobito, Catumbela, Benguela, Sá da Bandeira, Nova Lisboa e Bongo.

As actividades compreenderam: trabalhos manuais, jogos, actividades de carácter espiritual, fogo do acampa-



Grupo de alguns participantes



Trabalhos manuais

mento em que os nossos jovens puderam dar largas aos seus talentos «artísticos», etc.

Um grupo de jovens escalou a montanha que se elevava por detrás do Acampamento. A hora do banho, também constituía sempre uns momentos de prazer ansiosamente esperados.

No Sábado do acampamento um grupo de jovens respondeu ao apelo feito para entregarem as suas vidas ao serviço do Mestre.

Tivemos neste acampamento a colaboração do Ir. Catarino e de sua Esposa.

J. A. Morgado

Igreja de Nova Lisboa

Campanha de Evangelização em 1968 — Com início em princípios de Fevereiro, realizou-se uma campanha de evangelização na cidade de Nova Lisboa que se estendeu até Maio. Tivemos sempre a casa cheia, mantendo-se o entusiasmo até ao fim. É pena que outras responsabilidades nos impeçam de dar continuidade a este trabalho que se mostrou tão promissor. Toda a Igreja participou

neste esforço, quer distribuindo convites todas as semanas, quer convidando os amigos às reuniões. Meia hora antes da reunião, funcionava uma classe baptismal que registou sempre boa assistência.

DORCAS — Este departamento da Igreja esteve muito activo durante todo o ano sob a eficiente direcção da Irmã Violeta Rodrigues. Com a colaboração dedicada de uma boa dúzia de Irmãs, pôde a Irmã Violeta fazer um nobre trabalho a favor de tantos

necessitados de Nova Lisboa, quer distribuindo roupas confeccionadas ou adaptadas por este grupo de Irmãs, quer distribuindo, mensalmente, gêneros alimentícios. No mês de Novembro, fez a Sociedade de «Dorcas» uma exposição de trabalhos que mereceu os maiores elogios não só dos membros de nossa Igreja como das numerosas visitas que a ela assistiram. Dos fundos recolhidos nesta exposição, pôde esta Sociedade, num espírito profundamente altruista, oferecer a importância de 7.000\$00 para socorrer alguns dos nossos irmãos do Leste, vítimas do terrorismo, e que perderam todos os seus haveres.



Acampamento dos M. V. — Na hora da Refeição

BAPTISMOS — No último dia do nosso Congresso, realizado de 20 a 22 de Dezembro tivemos o grato prazer de sepultar nas águas baptismas 11 preciosas almas que, assim, deram o seu testemunho público de fé e obediência à ordem do Mestre.

Damos graças a Deus pelo muito que Ele tem feito pela nossa Igreja e, duma maneira especial, pelas vitórias que Ele lhe concedeu durante o ano de 1968. O baptismo dos irmãos Jorge Teixeira e Armando Sousa são disso um testemunho bem eloquente. Há muitos anos que frequentavam a Igreja, mas o problema do sábado os impedia de fazerem parte do povo «que guarda os mandamentos e têm a fé de Jesus». Num rasgo de fé e

confiança nas promessas de Deus, resolveram, ambos, pedir o sábado. Era tanto mais difícil obterem uma resposta favorável quanto é certo que um é funcionário público e outro funcionário de uma das maiores companhias de Angola, com muitos milhares de empregados ao seu serviço. No entanto, a sua fé e as orações da Igreja, conseguiram literalmente remover a enorme montanha que se encontrava à frente e lançá-las nas profundezas dos mares. Deus seja louvado! Que muitas victórias como estas possam ser registadas em nossa Igreja.

Juvenal Gomes



Um aspecto da Exposição de Dorcas de Nova Lisboa

Cubal

Foi com grande gosto e alegria que recebemos a notícia de que pela primeira vez haveria este ano reuniões de reavivamento espiritual no novo campo missionário do Cubal.

Depois de falarmos com as Ex.^{mas} Autoridades Administrativas do Cubal, fizemos-^{os} nossos convites a todos os nossos vizinhos e amigos da Cidade.

A primeira reunião realizou-se por volta das 18 e 30 do dia 18 de Outubro de 1968 e a última teve lugar no dia 20 do mesmo mês.

A princípio pensávamos que não haveria muita gente; mas graças ao Dono da Seara houve muita e muito interesse.

As pregações foram realizadas pelos Srs. Pastores Isaque Diamantino Tadeu, Antônio A. Maurício e a pessoa amiga do Sr. Presidente. Também não queremos deixar de agradecer a visita dos Srs. Dr. David Parsons e Robert Parsons e de suas Ex.^{mas} Famílias, de Miss Ruby Visser e da nossa estimada mãe esposa do Sr. Presidente.

Além das visitas acima mencionadas, tivemos connosco os nossos irmãos membros europeus da cidade do Cubal, que nos honraram com a sua presença e muito nos ajudaram com os seus veículos na altura dos baptismos. Posso dizer que não tenho linguagem para agradecer. Mas Aquele que «é galardoador dos que O buscam» dará a recompensa.

Fomos sobretudo honrados com a presença do Ex.^{mo} Sr. Administrador Adjunto acompanhado por sua Ex.^{ma} Família.

Nestas reuniões, notou-se sempre actividade, harmonia e espiritualidade. Todos os que assistiram diziam: «Estas reuniões deviam ser feitas duas ou mais vezes no ano».

Interessante é que muitos foram levar a notícia aos amigos, e estes vieram ter comigo culpando-me por não os ter convidado. Graças a Deus por ter estabelecido o trabalho no Cubal, porque «há muitas almas nesta cidade».

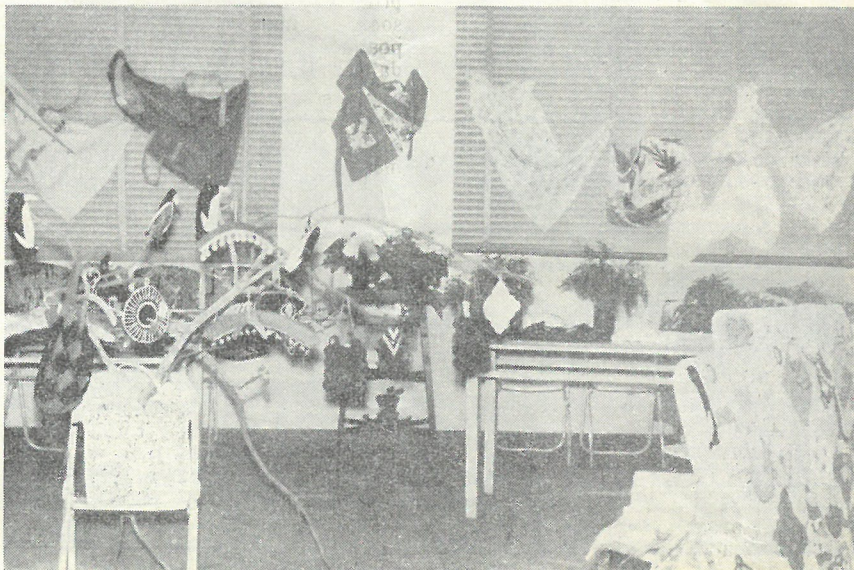
Tivemos a alegria de ver nove almas entrarem nas águas baptismas, selando assim a sua união com a família de Cristo.

Durante o congresso passou-se uma notável experiência. Próximo do local onde se realizaram as reuniões, há muitas casas de vizinhos que não são da nossa fé. De sorte que mesmo depois de terem sido convidados, não quiseram assistir. Um deles, enquanto nos encontrávamos nas reuniões, continuou a trabalhar na reparação da sua casa. Juntamente com os seus auxiliares, dizia: «Não pertencemos a essa fé. Porque havemos de incomodar-nos? Vamos pôr o tecto e depois cobri-lo-emos de capim.» E assim continuaram a obra, até que conseguiram arranjar o tecto e finalmente começaram a cobri-lo. Como faziam muito barulho, não respeitando as reuniões que estavam a ser feitas, pedi a um dos nossos membros para lhes pedir se podiam deixar de fazer tanto barulho. Mas eles, não ligando, continuaram na mesma.

Logo que o nosso irmão voltou as costas, sem que houvesse vento ou outra causa aparente, o tecto caiu juntamente com o dono que nele estava trabalhando.

Logo que caiu o tecto, o nosso amigo e os seus auxiliares que diziam não ser da nossa fé, mudaram de atitude. O dono da casa e sua esposa dirigiram-se para o recinto das reuniões.

Amigo leitor, esta experiência faz-me lembrar a experiência de Jonas, que não quis obedecer ao mandado do Senhor, mas depois de ter passado pela dificuldade obedeceu.



Outro aspecto da Exposição de Dorcas de Nova Lisboa

Depois do Congresso, o nosso amigo veio ter connosco, dizendo-nos que por ter resistido à obra de Deus é que o tecto da sua casa tinha caído.

Vendo as maravilhas de Deus, o nosso pedido é que oreis por nós, para que a obra de Deus se complete e abrevie neste campo novo do Cubal.

Pedro Matapalo

Dia das Visitas da Escola Sabatina

O Dia das Visitas da Escola Sabatina, em 12 de Outubro passado, foi observado na maior parte das nossas aldeias do C. M. do Bongo. Transcrevemos em seguida a descrição do que se passou nas aldeias de Chilimba e Chianga:

Acerca de Chilimba escreve o Ir. Herculano José: «Verdadeiramente o departamento da Escola Sabatina é um ramo mais atraentes da nossa organização. O dia da Escola Sabatina foi um estímulo para nós, tanto para nossos membros como para as visitas.

«Tivemos uma bela reunião da Escola Sabatina, que se iniciou com o cântico n.º 18. Seguiu-se o programa habitual. Depois do texto bíblico, ouviram-se hinos especiais, que emocionaram toda a assistência. Finda a Escola Sabatina, realizou-se o programa do culto, dirigido pelo professor Noé Ricardo, o qual nos apresentou o assunto do trigo e do joio. Realmente, o assunto foi de grande interesse e estímulo para todos os assistentes.

«Prezados leitores, oremos ao Senhor para que abençoe este Departamento, de modo que possamos ganhar almas para o reino dos Céus.»

O Ir. Noé Ricardo, por sua vez, narra da seguinte maneira o que se passou na Chianga: «O dia das visitas da Escola Sabatina na Chianga foi um rico e belo Sábado cheio de bênçãos divinas. Tivemos um bom número de visitas, que ficaram bastante encantadas com o programa apresentado.

«O programa teve como abertura o canto do hino n.º 19. Em seguida ouviu-se o texto bíblico, o qual uniu o coração do povo na bênção sabática.

«Uma das coisas que mais emocionaram as visitas foram os belos cânticos entoados pelo grupo coral local, organizado pelo Ir. Mário.

«Não se viu nenhum sinal de cansaço nas fisionomias de toda a assistência, de modo que, finda a Escola Sabatina, todos partilharam com entusiasmo da bênção central do dia, que era o culto.

«Tendo os lábios abrasados pelo poder divino, o Sr. Pastor Boaventura Venâncio repartiu o pão do Céu e como resultado da mensagem levantaram-se muitos membros que se dedicaram ao Senhor, entre os quais os irmãos João Félix e Isabel Nololi.

«O Ir. João aceitou a mensagem em 1933.

Arrastado, porém, pelas ondas satânicas, chegou a perder todo o interesse em Cristo. Graças a Deus, e por intervenção do Sr. Pastor Venâncio Chipopa, o nosso irmão chegou a retomar a senda cristã. Retomada a senda, o nosso querido irmão teve um sonho, o qual viu um homem com vestes brancas, que lhe disse: «Lembra-te pois donde caíste e arrepende-te, e pratica as primeiras obras.» Apocalipse 2:5.

«Que a mão do Onnipotente sustenha o Ir. Mário, para que progrida servindo firmemente ao seu Mestre e para que se vejam mais almas salvas no Seu reino.

«Queridos leitores, orai por este Departamento, para que através dele muitas almas possam ser conquistadas.»

AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO

David Alves Candeias — Vítima de desastre faleceu a 3 de Novembro em Benguela, com a idade de 15 anos, o jovem David Alves Candeias, filho do pastor Ataíde Candeias e de D. Alina Alves Candeias.

Chegado há cerca de um mês de férias, na metrópole, o jovem David estava colaborando nas actividades dos M. V., motivo porque a sua morte atingiu profundamente cada jovem e cada irmão desta Igreja.

O funeral saiu da Igreja onde se juntaram algumas centenas de colegas da Escola, Professores e muitos outros amigos. A Igreja estava completamente cheia. À entrada e mesmo no pátio se encontravam pessoas.

Depois de hinos e leitura de versículos apropriados, o signatário e cerca de mil pessoas seguiram até ao cemitério onde ficou depositado o seu corpo aguardando o dia glorioso da Ressurreição.

É somente esta certeza que pode consolar neste momentos tristes os nossos Irmãos Pastor Candeias e sua Esposa a quem manifestamos a nossa mais profunda simpatia.

J. A. Morgado

Edite Vasco — «Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor... para que descansem dos seus trabalhos e as suas obras os sigam.» No dia 4 de Dezembro de 1968, dormiu no Senhor, Edite Vasco, filha de Vasco Sepalanga e de Rosalina C. Vasco.

Nasceu em Catapi, Chilata, no dia 27 de Abril de 1955. Deixa seus sete irmãos. Todos a aguardam na ressurreição dos filhos de Deus.

Vasco Sepalanga

Aníbal Melo Pereira de Castro — Com 64 anos de idade, e perto de 30 como obreiro, o irmão Aníbal Melo Pereira de Castro foi levado a descansar no cemitério da vila da Trindade em São Tomé, a 23 de Outubro. Houve grande manifestação de pesar, pois que durante uns 15 anos ele tinha servido nesta freguesia onde contava muitos conversos. Também trabalhou nas freguesias de Santana, na ilha do Príncipe, e ultimamente abria trabalho em S. João dos Angolares.

Lembramo-nos dele com muita saudade, e dado o grande sofrimento que de repente lhe sobreveio, estamos gratos pela promessa: «Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as obras os acompanham.» Apoc. 14:13.

João I. Chaves

A IV Assembleia Geral do Conselho Mundial das Igrejas

Continuação da pág. 6

ou, pelo menos, dominadas pela Igreja Católica?

2. Segundo facto: No Conselho Mundial das Igrejas nota-se uma tendência crescente para a substituição do Evangelho da conversão pessoal pelo Evangelho da responsabilidade social.

«O Evangelho social tende para o secularismo e para fazer que a Igreja exerça pressão para uma transformação política, económica e social, e tem como objectivo o melhoramento do homem e da sociedade. A acção social é a missão real da Igreja.» Mas, como salienta Donald McGavran, o Evangelho da conversão pessoal não se satisfaz com «paliativos temporais em vez de remédios eternos». Com efeito, «mesmo que a Igreja conseguisse alterar as estruturas sociais e políticas, de maneira a pôr fim à injustiça social, teria falhado se aqueles cujas vidas temporais melhoraram fossem deixados morrer nos seus pecados».

A concretizar-se esta tendência, assistiríamos a uma trágica demissão da Igreja em relação à sua própria razão de ser.

3. Terceiro facto: O Conselho Mundial das Igrejas parece não estar de acordo com a Bíblia na sua concepção acerca do desfecho da História.

Na perspectiva do Conselho Mundial das Igrejas, chegará a altura em que aqui haverá «um mundo sem guerras, uma raça de homens em que todos estarão bem alimentados, bem educados e não divididos». Este era o sonho de Platão. Estas são as falaciosas promessas do Marxismo.

Mas semelhante concepção não está de acordo com a Bíblia. Segundo esta, até ao fim «haverá guerras e rumores de guerras».

Segundo as Sagradas Escrituras, o desfecho da história da Terra será catastrófico. Para as últimas consequências do conflito milenário suscitado por Satanás, só haverá uma solução. Quando terminarem as possibilidades humanas de solução, é então chegado o momento da oportunidade divina. E a solução divina para a catástrofe será a Segunda Vinda de Cristo.

Decididamente, quanto mais estudarmos as correntes e implicações do Conselho Mundial das Igrejas, mais nos convencemos de que a Mensagem Adventista tem algo de importante para a humanidade dos nossos dias.

O Boletim Adventista é o órgão oficial das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia de Angola e São Tomé. Não se esqueça de fazer ou renovar a sua assinatura para 1969.

Visado pela Censura